

LINGUASAGEM

REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS ACERCA DA LINGUÍSTICA COMPARATIVISTA

Anísio Batista PEREIRA¹

RESUMO

Os estudos no campo da Linguística se constituem em um terreno vasto no que se refere às suas metodologias e objetivos, tendo em vista suas inúmeras ramificações. Nessa perspectiva, merece atenção a Linguística Comparativista, a qual ganha destaque quando o objetivo é a comparação entre duas ou mais línguas, levando em consideração suas variações e mudanças sofridas ao longo dos tempos. Nesse sentido, este estudo se propõe a revisitar alguns teóricos filiados a essa vertente teórico-metodológica, com o objetivo de refletir sobre esse método de estudo nesse campo disciplinar. Nessa mesma direção, elenca-se o pai da Linguística Moderna, Saussure, o qual contribui de forma relevante no que concerne à noção de valor linguístico. Pelas abordagens acerca da temática em questão, conclui-se que uma língua sofre mudanças ao longo da história, não sendo, portanto, estática, tendo em vista fatores culturais e geográficos e tais alterações podem ser percebidas tanto nos aspectos lexicais quanto gramaticais de uma língua.

Palavras-chave: Linguística; Metodologia; Comparativismo.

ABSTRACT

The studies in the field of Linguistics constitute a vast terrain in which they refer to its methodologies and objectives, in view of its numerous ramifications. In this perspective, it is worth mentioning Comparative Linguistics, which is highlighted when the objective is the comparison between two or more languages, taking into account its variations and changes suffered over time. In this sense, this study proposes to revisit some theorists affiliated to this theoretical-methodological aspect, with the purpose of reflecting on this method of study in this disciplinary field. In the same direction, the father of the Modern Linguistics, Saussure, is the one who contributes in a relevant way with regard to the notion of linguistic value. By the approaches on the subject in question, it is concluded that a language undergoes changes throughout history, and is therefore not static, in view of cultural and geographic factors and such changes can be perceived in both the lexical and grammatical aspects of a language.

Keywords: Linguistics; Methodology; Comparativism.

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: pereira,anisiobatista@ufu.br.

Considerações iniciais

*Não, Tempo, não zombarás de minhas mudanças!
As pirâmides que novamente construístes
Não me parecem novas, nem estranhas;
Apenas as mesmas com novas vestimentas.*
(William Shakespeare)

Do ponto de vista metodológico, os estudos relacionados à língua se desdobram para vários campos e, ao longo dos tempos, a partir da fundação dos estudos linguísticos de forma científica, emergem-se várias linhas de pensamento do ponto de vista teórico e metodológico acerca da língua. Tendo em vista sua complexidade, torna-se inviável abarcar o estudo da língua a partir de uma única vertente, fator que provoca especializações para um aprofundamento mais preciso do ponto de vista científico nesse campo disciplinar.

Pensando nessas ramificações linguísticas e sua relevância para a compreensão dos aspectos que envolvem essa problemática, este estudo visa abordar alguns aspectos teórico-metodológicos da denominada Linguística Comparativista. Trata-se de uma área específica dos estudos da língua que tratam de suas mudanças, que ocorrem tanto por aspectos humanos quanto por fatores geográficos. Esses movimentos, então, influenciam para que uma língua não permaneça estática, assim como o ser humano, falante de uma língua, está sempre em movimento cultural e geograficamente, apresentando reflexos na língua. Assim, essa problematização se direciona, a partir desse ponto de vista de mudança linguística, para seu método de estudo que é o Comparativismo, pois a partir desse processo de comparação entre duas ou mais línguas é que se detecta uma possível mudança/variação das línguas em questão. Nesse contexto, seguem algumas considerações de caráter geral acerca dessa temática e, em seguida, breves apontamentos acerca das formulações do pai da Linguística Moderna, Ferdinand de Saussure, que também integra esse processo, delineando para as considerações finais.

A Linguística Comparativista: algumas abordagens

Uma língua nunca pode ser considerada estática devido às suas mudanças sofridas no decorrer dos tempos. Nessa perspectiva, ainda que diferentes línguas apresentem suas origens em uma mesma protolíngua (como o Latim, por exemplo), suas diferenças podem ser verificadas, partindo do método comparativo. Os estudos ligados à Linguística Comparada apresenta por finalidade a comparação entre línguas, possibilitando detectar as causas de suas mudanças ao longo do tempo.

Dessa maneira, em que as alterações em determinada língua pode ser verificada, em relação a outra(s), é possível afirmar que o objeto teórico dessa linha de investigação seja a mudança linguística. A partir desse objeto, é possível verificar as formas como se dão tais alterações ao longo dos tempos.

Uma vez lançando mão do método comparativista, afirma-se que seu objetivo mais amplo se baseia em observar o que acontece nas línguas em relação às suas mudanças, tendo em vista suas semelhanças e diferenças. Assim, pela comparação, chega-se ao resultado que são as características das mudanças e suas prováveis causas ao longo da história, tendo em vista os fenômenos geográficos, culturais e sociais sofridos por determinada língua.

As variações de uma língua, para além do social, isto é, grupal, afirma-se que elas ocorrem até mesmo no plano individual, tendo em vista as situações variáveis no qual o falante é submetido, em meio às suas práticas linguísticas relacionadas à fala:

Nesta proporção do texto, Schuchardt não apenas discute e nega a possibilidade da homogeneidade perfeita de falantes, como chega a negar a possibilidade da homogeneidade mesmo no plano do indivíduo, apontando para a observação das oscilações possíveis na forma de falar de um mesmo indivíduo a depender (por exemplo) do contexto social em que ele se encontra (SCHUCHARDT, 2010, p. 18).

Em consonância com as palavras do autor citado, as considerações de Humboldt ruma nessa direção, afirmando que a língua não pode ser tomada como produto, mas como prática, o que, por sua vez, remete à ideia de que não seja algo estático, mas sempre em movimento e, por isso, em processo de mudanças

Humboldt, por seu turno, dá um passo além. Ele propõe uma compreensão da linguagem não apenas como um sistema acabado, mas como atividade. Em suas palavras: “é preciso considerar a linguagem não como um produto morto (todtes Erzeugtes), mas, sobretudo, como uma produção (Erzeugung) (...) Em si mesma, a linguagem não é um produto (Ergon), mas uma atividade (Energeia)” (Humboldt, 2002, p. 416 e 418) (HUMBOLDT, 2009, p. 194).

Esse método de estudos com foco nas mudanças linguísticas apresenta em seu seio a metodologia comparativista, que consiste fazer uma relação, isto é, comparar uma língua com outra(s), a fim de se chegar ao objetivo pretendido. Essa comparação possibilita apontar as semelhanças e divergências entre as línguas nos seus variados níveis, desde o fônico até o lexical, enfim os estudos gramaticais das línguas.

Considerando-se que os estudos comparativistas apresentam objetivos e objeto bem definidos, cuja finalidade é estabelecer uma comparação entre línguas para detectar suas variações e mudanças linguísticas, é possível delinear algumas vertentes nesse campo disciplinar, as quais apresentam algumas diferenças, que, de maneira mais ampla, se dividem em: Linguística Descritiva Comparada; Linguística Histórica Comparada e Linguística Comparada Especializada.

No que tange à Linguística Descritiva Comparada, afirma-se que se trata de análises de línguas específicas sem, contudo, considerar as variações que toda língua sofre ao longo do tempo. Essa vertente se preocupa com a classificação das línguas no que respeita às suas estruturas. Dessa forma, esses estudos comparativistas desconsideram a origem das línguas, tomando como foco de análise as características comuns entre as línguas.

Tomando um exemplo dessa linha de estudos, de acordo com Brandão et al (2012), o apagamento do sujeito na fala do português brasileiro e do hebraico moderno. A partir dessa detecção, construiu-se um ponto comum entre essas duas línguas, no que diz respeito ao apagamento do sujeito. Em consonância com esse apagamento, o tempo presente também foi outro aspecto verificado entre ambas, no que tange à nulidade do sujeito. Uma diferença notada, na comparação entre essas línguas foi que no tempo passado, o hebraico apresenta maior apagamento do sujeito que no português.

Por outro lado, no que concerne à Linguística Histórica Comparada, são levadas em consideração as relações de parentesco entre as línguas, sobretudo no que tange às suas origens. Essa vertente, considerando-se os postulados de August Scheicher (séc. XIX), busca concentrar-se nas relações de parentesco entre as línguas, isto é, as “genéticas” entre duas ou mais línguas. Vale destacar, nesse aspecto, os fundamentos de se considerar as protolínguas, as línguas maternas no processo de identificação das origens linguísticas, cujas línguas são classificadas em grupos e subgrupos.

Esse citado estudioso da linguística toma a língua como ser vivo, atribuindo às línguas características semelhanças a de um organismo com ciclo vital que cresce, envelhece e morre:

Nos estudos linguísticos, contudo, destacou-se o nome do filólogo alemão August Schleicher (1821-1867), que, inspirado nas ciências naturais, considerou as línguas organismos vivos, aos quais se poderiam, inclusive, aplicar as teorias evolucionistas de Darwin, presentes em sua célebre *A origem das espécies* (1859) (SILVA, S/N, p. 250, grifo do autor).

Contudo, essas ideias, apesar de apresentarem sua importância no campo dos estudos linguísticos, não são mais aceitas, já que outras teorias foram elencadas e que, por sua vez, contrapõem às ideias de Schleicher.

O método comparativista ligado a essa vertente histórica toma para estudos textos das línguas, materiais preservados, cujos estágios de evolução possibilitam verificar o grau de parentesco entre duas ou mais línguas, possibilitando classificá-las ou não em uma mesma árvore linguística. Por meio dessas comparações, é possível verificar, pelas suas semelhanças, se essas línguas apresentam a mesma origem. Quando se tem a reconstrução de uma protolíngua (considerando que seja quase impossível sua reconstrução total), detectam-se suas línguas descendentes. Como exemplo dessa verificação de famílias linguísticas, citam-se as línguas românicas, cuja língua-mãe (protolíngua) é o latim, em que os textos preservados possibilitaram seus estudos.

Em meio a esses recursos ligados aos textos como materiais de observação, vale destacar que há línguas ágrafas, isto é, não possui escrita, fator que acaba por dificultar os estudos comparativistas, por não possibilitar a consulta de documentos escritos. No entanto, nessas línguas os estudos lançam mão de reconstruções internas para a detecção de características relacionados a estágios anteriores.

Além desses cenários metodológicos percorridos, a Linguística Histórica Comparada se preocupa em relacionar as evoluções de seus elementos, pela classificação de seus aspectos linguísticos, desconsiderando o grau de parentesco entre as línguas.

Por exemplo: Podemos comparar o desenvolvimento do verbo be (“ser”) e do verbo have (“ter”) mais particípio passado, do antigo inglês, com os mesmos termos do inglês moderno. Em seguida, comparamos os resultados dessa primeira comparação com o desenvolvimento desse mesmo tipo de construção no francês, isto é, avoir (“ter”) ou être (“ser/estar”) + particípio passado (adaptado de Ellis, 1996) (BRANDÃO et al, 2012, p. 15-16).

Na vertente Linguística Comparada Especializada, tem-se a visão de que é possível a comparação de diferentes línguas, pela comparação de textos de línguas

distintas, a partir de pontos diferentes, objetivando a compreensão das línguas atuais, tendo em vista suas origens. “A Linguística comparada da tradução trata da assimetria entre línguas quando em situação de tradução. O contato entre línguas é outra área que gera questões muito interessantes para o linguista comparativista” (BRANDÃO et al, 2012, p. 16).

Nessa concepção metodológica, vale destacar as variações linguísticas e os processos de mudanças mais “palpáveis” aos olhos do pesquisador, elencando fatores como distribuição geográfica, comunidades linguísticas ligadas a um grupo específico, os empréstimos linguísticos, as relações culturais cuja língua entra em contato com outra(s), bem como os dialetos que se enquadram nessas especificidades ligadas às variações linguísticas.

A problemática dessas mudanças linguísticas se liga a um processo contínuo e alcança praticamente todos os níveis no que tange à gramática e atinge todas as línguas. Contudo, apesar de tais mudanças atribuírem ao pesquisador à ilusão de causas óbvias, trata-se de uma problemática complexa, possibilitando perceber, de imediato, que suas causas se ligam, sobretudo, a contatos entre falantes e as transformações no interior de determinada língua provocadas por transmissões de umas gerações para outras. Nesse processo, vale ressaltar a importância do falante no que respeita às variações e às mudanças linguísticas.

Em relação às variações linguísticas, afirma-se que, no plano sincrônico, isto é, a partir de um determinado momento histórico, os seguintes fatores responsáveis podem ser apontados: Variação Geográfica ou Diatópica, compreendida como as diferenças linguísticas a partir do espaço físico, de falantes pertencentes a origens geográficas distintas; Variação Social ou Diastrática, destacando-se as seguintes variantes: sexo ou profissão, nível de escolaridade, classes sociais e idade. Entendem-se que tais variações ocorrem do ponto de vista de uma comunidade linguística mais ampla, como um país, em que há diferenças linguísticas no seu interior, determinadas por esses fatores influenciadores nos modos de falar de seu povo.

As variações linguísticas são observáveis no Brasil, considerando suas regiões, cujos modos de se falar são diversos, inclusive atribuindo para um mesmo produto nomes distintos. Quanto a esse tipo de variação linguística, cita-se o exemplo de Brandão et al (2012), com as palavras aipim, mandioca e macaxeira, variação lexical para um mesmo alimento e cada um utilizado em uma região do país. Nesse contexto de variações, vale ressaltar que pode haver predominâncias de variante padrão, por grupos

privilegiados e variante não padrão, comumente faladas por pessoas menos privilegiadas socialmente e que são interdidas, isto é, não aceitas.

Frente às variações linguísticas, tendo em vista sua heterogeneidade que se estende para várias regiões e sob vários fatores, há de se considerar as mudanças linguísticas, uma vez que as línguas não são estáticas, bem como afirma Whitney (2010), mas passíveis de alterações e mudanças ao longo dos tempos. E, no jogo dessas mudanças lexicais ou gramaticais, ocorre uma espécie de disputa entre as variantes, as quais são atribuídas a um mesmo valor. Como exemplo de mudanças na língua, cita-se o Português, que apesar de conservar características relacionadas à sua origem, sofreu inúmeras alterações ao longo dos séculos.

Meillet aborda a questão das mudanças linguísticas e o efeito destas no sentido das palavras e expressões. Segundo esse autor, do ponto de vista semântico, as mudanças linguísticas entre os grupos falantes de uma língua afetam seu sentido e ficam expostas a não conservarem seu sentido original:

Todas as mudanças de forma ou de emprego que as palavras sofrem contribuem indiretamente para a mudança do sentido. Quanto mais tempo uma palavra permanece associada a um grupo definido de formações, mais ela é determinada pelo valor geral do tipo, e seu significado guarda conseqüentemente certa constância. Ainda assim, se o grupo se desloca por qualquer razão, os diversos elementos que a constituem, não estando mais sustentados uns pelos outros, ficam expostos a sofrer a ação de influências diversas que tendem a modificar-lhe o sentido (MEILLET, 2016, p. 41).

Os movimentos sociais e culturais que os grupos sofrem no decorrer das práticas em sociedade se direcionam rumo às mudanças linguísticas, vinculando-se à história e que tais transformações, que podem ocorrer tanto do ponto de vista gramatical ou lexical, influenciam o sentido da linguagem. Por outro lado, uma mesma palavra ou expressão pode apresentar discrepâncias de uma região para outra, isto é, de um grupo de falantes para outro, tendo em vista os fatores socioculturais que determinam esses processos semânticos e de mudanças na língua.

A partir do século XX, emerge os estudos da chamada Linguística Moderna, considerando Ferdinand de Saussure como o pioneiro de uma proposta que rompe com as considerações da denominada gramática comparativista, metodologia na qual esse estudioso é formado, no século XIX, mas busca um novo caminho para o campo linguístico. A partir de Saussure, os estudos comparatistas se renovam, pois os estudiosos da área tomam por base as teorias saussureanas para seus estudos. Pela

relevância que apresenta no campo da Linguística, a partir do século XX, seguem breves considerações sobre o denominado pai da Linguística Moderna.

Saussure e a noção de Valor do Signo Linguístico

Elencando estudos que vão de encontro aos neogramáticos em relação às formulações comparativistas, partindo das unidades relativas à língua, Saussure considera, além desse fator, as inter-relações entre as unidades linguísticas como um todo.

De acordo com os estudos de Saussure (1995), este considerado o pai da Linguística Moderna, toma a língua como um sistema, cujas partes se ligam formando um todo complexo. E essas unidades linguísticas se complementam a partir dessa relação que se mantêm umas com as outras. Nessa concepção, esse teórico procura discernir língua e linguagem, sendo que Linguagem se trata de uma faculdade humana para a comunicação, dialogando com as ideias de Whitney (2010), e que a Língua seria apenas uma parte dela. A língua seria um produto social dessa faculdade humana de comunicação. Além disso, a língua é anterior ao indivíduo, isto é, a seu falante, tendo em vista que, no plano individual, ninguém possui a capacidade para alterar e/ou criar algo na língua, sendo, portanto, arbitrária.

No que diz respeito aos planos social e individual, Saussure define essas duas dimensões linguísticas, cuja língua (*Langue*) se encontra no plano social, ao passo que a fala (*Parole*) se vincula ao individual. Isto porque a língua é um contrato social entre falantes de uma mesma comunidade linguística e só sobrevive a partir do coletivo. Por outro lado, a fala, isto é, o funcionamento prático da língua, pertence ao caráter individual, na realização do sujeito falante nos atos de comunicação. Assim, ao passo que da fala o indivíduo é sempre senhor, a língua existe na mente e de forma coletiva.

Considerando essas duas dimensões nos atos de comunicação entre falantes de uma mesma comunidade linguística, o estudioso supracitado aciona os elementos significante e significado, isto é, o estudo dos signos linguísticos que se vinculam diretamente à significação da língua. Para esse teórico, o signo linguístico é composto por uma imagem acústica e seu respectivo conceito, isto é, por um significante e seu respectivo significado, ambos de natureza psíquica, unidos no cérebro do falante por um vínculo de associação. Nessa dimensão, considera-se que a língua é concreta pelo fato de que tais imagens acústicas serem passíveis de tradução em imagens concretas.

O signo linguístico, além de arbitrário, tendo em vista que o significante não apresenta nenhuma relação motivada com o significado (alguns casos há uma relação motivada), apresenta-se de forma linear, isto é, em forma de linha, como por exemplo, uma palavra falada ou escrita apresenta cada elemento (fonema ou letra) após o outro na cadeia.

Saussure (1995) propõe a noção de valor ao signo linguístico, comparando esse sistema com um jogo de xadrez, cujas peças são os signos, em que cada parte só é passível de valor quando em conjunto com o todo, isto é, dentro do sistema, pela relação com as outras partes. Isto significa que um signo linguístico não apresenta valor real quando isolado do todo que o sustenta.

Nessa perspectiva de valor, vale considerar a língua dentro da relação entre ideias e sons, pois no âmbito psicológico o pensamento se constitui em simplesmente numa massa amorfa e indistinta, atribuindo, a partir dessa premissa, importância aos signos linguísticos. Assim, o papel desempenhado pela língua é servir de intermediária, criando uma materialidade entre pensamento e som, pois um som se torna signo de uma ideia. A língua é forma e não substância, pois se refere à sua organização estrutural. Ressalte-se que os valores dos signos são fixados pela coletividade, impossibilitando, assim, sua fixação no plano individual.

Em se tratando do aspecto conceitual, o valor linguístico se vincula à significação, esta sendo uma contraparte da imagem auditiva. Dessa forma, segundo o estudioso referido, o valor apresenta concerne em dois aspectos principais: por um lado, um elemento dessemelhante, passível de ser trocado por outro cujo valor resta determinar; por outro, elementos semelhantes passíveis de comparações com aquele cujo valor está em jogo. Como exemplo de valor, o autor metaforiza a troca de uma moeda com um pão, isto é, elementos dessemelhantes, cuja moeda de real pode ser comparada à moeda de outro país. Assim entende-se que o valor não é algo dado, fixo, cuja troca de palavra implica numa ou noutra significação.

Além disso, o valor linguístico de um signo se mantém em uma relação de oposição, isto é, naquilo que ele não pode ser. Ele apresenta, em sua relação com os demais elementos do sistema, um valor que nenhum dos outros elementos apresenta, sublinhando sua complementação no todo pela diferença em relação aos demais. Nesse processo de relação entre os elementos linguísticos, vale ressaltar que a determinação do valor é sustentada por aquilo que aparece em sua volta, o que vem antes e depois, justificando a relevância da relação entre as unidades no sistema.

No âmbito material, esse lance de relações entre os signos ficam bastante nítidos, quanto às diferenças. Nesse raciocínio, o aspecto fônico de uma palavra só tem razão de existir pela distinção em relação a outras e não por si só, de forma independente. Nessa perspectiva de relações determinantes dos valores, os signos linguísticos não apresentam valores intrínsecos, mas depende das posições ocupadas no jogo, isto é, no sistema que os sustenta. No que tange aos signos relativos à escrita, percebe-se, também, uma arbitrariedade: o que une uma letra a seu som é imotivado, sendo que seus valores são negativos e diferenciais.

Pelas considerações saussurianas em relação ao valor do signo linguístico, fica evidente que os vínculos das partes formando o todo, dadas pelas diferenças entre si, são importantes no sentido de que um valor só pode ser percebido a partir das características de negação e diferenciação entre os elementos. As relações entre si é que determinam tais valores, não cabendo seu isolamento do sistema, tendo em vista que seu valor inexistente por si só, de forma isolada, mas em conjunto com as demais partes, na sua totalidade.

Considerações finais

Pelos estudos realizados acerca do que se denomina Linguística Comparativista, pelo seu objetivo central que é a comparação entre línguas, fica evidente que uma língua nunca é estática, mas que sofre alterações ao longo dos anos, na história. Frente a essas alterações, seja no campo de variações ou de mudanças, merece destaque o caráter social da língua, uma vez que as causas dessas transformações se vinculam a questões sociais, de interações humanas. Frente a essas mudanças envolvendo os falantes de uma determinada língua, não se pode desprezar, também, o fator geográfico, tendo em vista que as variações podem ser percebidas em âmbitos regionais, no interior de um grupo mais amplo de uma mesma língua, como é o caso do Brasil.

As variações e mudanças linguísticas são acentuadas nas diversas dimensões de uma língua, lexical ou gramatical, justificando o trabalho por meio desse método de comparação entre as línguas. Nesse sentido, a história entra em cena como fator decisivo, não apenas no âmbito de mudanças e variações passadas de uma geração para outra, mas pela origem de determinada língua que é sempre originária de outra, isto é, uma protolíngua que é sempre mãe de outra(s) e, por isso, se constitui em um aspecto de relevância no âmbito dessa metodologia para o estudo das línguas.

Em meio a esses processos linguísticos, cujos estudos se dão de modo comparativo, método tomado em razão das diferenças e semelhanças que as diferentes línguas apresentam, ou no interior de uma mesma língua, a Mudança Linguística como objeto teórico dessas investigações apresenta sua justificativa assentada nas transformações linguísticas que ocorrem ao longo da história. Nesse processo, a metodologia comparativista também apresenta seu lugar de destaque, já que esses estudos abordam as semelhanças e diferenças linguísticas, suas estruturas e modos de falarem, direcionando aos resultados que são as variações e as mudanças das línguas no decorrer dos tempos.

Como um divisor de águas no campo dos estudos linguísticos, a noção de valor em Saussure foi considerado como uma abordagem que diferencia das metodologias de até então, além de outras formulações desse estudioso considerado o pai da Linguística Moderna. Foi trazida sua noção de língua como sistema para sublinhar os rumos e diferenciações posteriores após os estudos comparativistas do século XIX e pela relevância desse linguista no campo disciplinar supracitado.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Jacyntho L.; COELHO, Sueli M.; DUCHOWNY, Alexia T.; VITORINO, Júlio C.: **Fundamentos de Linguística Comparada**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

HUMBOLDT, Wilhelm Von. **Sobre pensamento e linguagem**. Tradução e apresentação Antonio Ianni Segatto. São Paulo, 2009, p.193-198.

MEILLET, Antoine. **Como as palavras mudam de sentido**. Organização e edição Rafael Faraco Benthien, Miguel Soares Palmeira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 26. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: 1995.

SILVA, Maurício. **Júlio Ribeiro, leitor de Schleicher: linguística e positivismo no Brasil do final do século XIX**. São Paulo: Universidade Nove de Julho. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/dia/v26n1/v26n1a11.pdf>>. Acesso em 25 jan. 2017.

SCHUCHARDT, Hugo. **Schuchardt contra os neogramáticos**. Tradução Maria Clara Paixão de Souza. Campinas: Editora RG, 2010.

WHITNEY, W. D. **A vida da linguagem**. Tradução Márcio Alexandre Cruz. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

Como referenciar este artigo

PEREIRA, Anísio Batista. Reflexões teórico-metodológicas acerca da linguística comparativista. **revista Linguagem**, São Carlos, v.29, n.1, p. 236-247, jul./dez. 2018. ISSN: 1983-6988.

Submetido em: 14/02/2018.

Aprovado em: 03/10/2018.